



Arte[®] na Escola

Discurso Afinado



Conselho Nacional de Educação envolve especialistas para tirar do papel lei que torna obrigatório o ensino de Música

O ensino de música obrigatório traz de volta um certo sabor dos tempos de Villa Lobos e do Canto Orfeônico. Será esta uma Lei que “vai pegar”? Considerando, de um lado, a incrível escassez de professores formados no país (veja páginas 4 e 5) e de outro a obrigatoriedade da formação pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases), fica estabelecido mais um destes impasses de equação impossível.

Independentemente da obrigação legal, no entanto, consideramos que esta é uma bem-vinda oportunidade para o estímulo ao ensino de música que tantos benefícios pode trazer ao indivíduo. Num país musical como o Brasil poderia parecer uma tarefa simples – mas não é. Produzir materiais didáticos adequados a uma realidade cultural complexa como a nossa, considerando – ainda – que este ensino será majoritariamente oferecido por professores generalistas é só, mesmo, para quem tem samba no pé e muita ginga de cintura. Ou será o primeiro passo de uma longa caminhada?

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Dica de Leitura

JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coord.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

Criado para a instrumentalização de professores, em resposta à Lei 11.769/08, o livro oferece propostas de conteúdos programáticos, textos inéditos e sugestões práticas de exercícios a serem aplicados no dia a dia, nos diferentes contextos, faixas etárias e regiões do país. Pode ser baixado no [site](#) do projeto.

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da Rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

ISSN 1809-9254
Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 – casa 3
CEP 01417-020, São Paulo,
SP Fone (11) 3103-8088
contato@artenaescola.org.br

Editora

Regina Ramoska

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão e Cecília Galvão
(CGC Educação)

Projeto Gráfico

Zozí

Padronização bibliográfica

Shirlene Vila Arruda

Como o seu aluno aprende Música?

▶ Trabalho com bebês e crianças até seis anos, que exploram os sons do corpo e do ambiente, criam letras e constroem seus próprios instrumentos musicais com sucatas. Usamos a bandinha infantil e instrumentos para as crianças se expressarem com criatividade. Elas aprendem a diferenciar o que é instrumento de percussão, sopro e corda. Usamos os tambores e a percussão com os pés e palmas. Fazemos audições dos eruditos e conhecemos todos os instrumentos de uma orquestra. Todos os conceitos teóricos são apreendidos brincando.

Gisele Lemos / Rio de Janeiro

▶ Meus alunos aprendem música por meio de sequências didáticas que tem como proposta proporcionar ao grupo experiências que permeiem a apreciação (escutar), execução (cantar, dançar e tocar) e criação. Todas as didáticas são trabalhadas em diferentes obras musicais, de diferentes compositores e de diferentes formas.

Betina Santos / São Paulo

▶ Aprende quando descobre que a música está ao seu alcance, que tudo a sua volta pode se tornar música, desconstruindo a ideia de que música é algo só para alguns privilegiados. Ao se perceber capaz, desfaz mitos sobre o dom, entendendo o fazer musical como forma de conhecer, de descobrir, de experimentar, de sentir e de compreender o mundo por meio das suas sonoridades. Desta forma não fica preso somente aos padrões e às fórmulas prontas, se apaixona pelo fazer musical nas suas diferentes modalidades, buscando sempre aprender mais.

Érica Dias Gomes / Guarapuava (PR)

▶ Infelizmente não aprende. Não tenho formação para tanto, minha graduação é Educação Artística em Artes Visuais. O que faço em aula é apresentar sons e músicas que eles não teriam acesso fora do ambiente escolar. Situo a música no contexto em que foi criada, identifico instrumentos e trabalho um pouco com o Audacity (programa de gravação e edição). Fazemos animações com sons produzidos pelos alunos e trechos de músicas editadas por eles.

Fábio Valle / Bento Gonçalves (RS)

▶ Os meus alunos aprendem música por meio de audição, sempre comentada e contextualizada. Estudamos a música desde a pré-história, passando por todos os estilos. Aplicamos um questionário sonoro musical para que eles possam relatar um pouco da sua história pessoal e o ambiente familiar. Fazemos uma pesquisa sobre a música brasileira desde 1950 até os dias atuais, apresentando o resultado em formato de slides, programa de rádio, TV ou teatro. O trabalho se encerra com a "Mostra Tua Cara", momento em que os alunos apresentam para a escola o seu talento musical.

Oscar Costa Borche / Colorado do Oeste (RO)

ILUSTRAÇÃO

Ilustram esta edição obras de Arnaldo Antunes, músico, poeta, compositor, VJ e artista visual brasileiro. Agradecemos ao artista a cessão do uso das imagens.



É fundamental ter formação acadêmica para dar aulas de música?

Sim > Sabemos que a escola é um ambiente coletivo, complexo, com uma diversidade de várias ordens, e enfrenta problemas como a desprofissionalização dos professores e demais profissionais da educação, condições de trabalho desfavoráveis, classes com elevado número de alunos, e falta sentido na educação e na escola para muitos estudantes. Tais condições desafiam até mesmo professores experientes e com sólida formação pedagógica.

É por isso que a docência requer uma visão ampla da sociedade, uma compreensão de seus problemas, de seus impactos sobre os alunos e a escola, da educação, da instituição escolar, da prática docente como prática social, da profissão docente, de aprendizagem e desenvolvimento humano. Requer, também, curiosidade pelo conhecimento e capacidade de pesquisar.

O professor de Música, além disso, necessita de uma sólida formação pedagógica. Deve ser um músico sensível, capaz de promover uma prática com fazeres articulados de execução (tocar instrumentos e/ou cantar), composição (criar arranjos musicais, improvisar) e apreciação musical, enriquecidos com conhecimentos de e sobre música, e oferecer técnicas que promovam uma prática musical significativa e uma compreensão da diversidade da música da sua cultura e de outras. Deve, também, ser capaz de considerar a vivência musical do aluno fora da escola, seus interesses e significados musicais, de compreender e acompanhar os seus processos de aprendizagem.

A falta de uma formação ampla, pedagógica e musical inviabiliza uma prática consciente e contextualizada, que dialoga com a realidade social e institucional, de compreensão e valorização dos alunos, suas experiências e seus interesses. Pode, também, gerar uma prática imitativa, baseada num modelo que não atende às realidades tão distintas e desafiadoras das escolas da Educação Básica no Brasil, ou ainda colocar a aula de música em função de outras disciplinas e objetivos, sem alcançar o desenvolvimento musical e cultural do aluno.

Walkíria Teresa Firmino Lobato - é Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, especializada em Música Brasileira, licenciada em Educação Musical e Bacharel em Música.

Não > Sou violinista e licenciado em música e reconheço muito bem o valor dos professores especialistas na minha formação. Entretanto, é necessário destacar que também tive o privilégio de aprender com professores que, mesmo reconhecendo suas próprias limitações no domínio da música, foram capazes de me cativar, semeando em mim um “deslumbramento musical” que dura até hoje.

Destaco que meu objetivo não é fazer apologia a uma polivalência simplista e superficial que tanto marcou de forma negativa o ensino da arte no Brasil, mas de destacar que a problemática da formação acadêmica do professor de Música é complexa e deve, por exemplo, ser analisada para cada etapa da Educação Básica. Dessa forma, meu ponto de vista não é de que qualquer um pode dar aulas de Música, mas que o professor unidocente pode, se bem orientado e por meio de parcerias com especialistas, fazer um excelente trabalho, mesmo sem formação acadêmica na área. Esse professor, também chamado generalista, normalmente atua na Educação Infantil e nos anos iniciais da Educação Básica e tem uma função importante na formação das crianças, pois é o único que tem a possibilidade de trabalhar com todas as áreas do conhecimento (incluindo a Música) de forma não fragmentada. Entretanto, por conta da abrangência de sua formação, é raro que possa se aprofundar academicamente na Música.

Não podemos afirmar, entretanto, que educadores e professores não têm condições de fazer um bom trabalho em Educação Musical apenas porque não têm formação. Evidentemente, não se pode ensinar o que não se sabe, mas está fora de questão afirmar que este professor não sabe nada de Música. Sua relação com ela se iniciou antes mesmo de nascer, e representa um conjunto de experiências musicais que podem ajudá-lo a sistematizar ações sérias para o ensino.

Uma das alternativas é o trabalho colaborativo entre professores generalistas e especialistas, como se verifica no projeto de pesquisa realizado em conjunto entre a UFPR e a SME de Curitiba, em seu terceiro ano. Essas parcerias permitem afirmar que o professor de Educação Infantil é capaz de construir conhecimento de alto nível em Educação Musical, mesmo sem formação acadêmica em Música. Afirmo que em certas situações não é fundamental que o professor tenha formação acadêmica em Música, como é o caso dos primeiros anos de escolarização. Entretanto, isso não o exime de buscar exaustivamente informações sobre como levar música às suas crianças, o que inclui a ampliação de repertório e muita pesquisa.

Guilherme Romanelli - é graduado em Educação Artística – Habilitação em Música pela Faculdade de Artes do Paraná, Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, onde é professor adjunto.

Música ganha currículo nacional

Conselho Nacional de Educação (CNE) envolve especialistas e produz documento para tirar a Lei 11.769/08 do papel

» O Brasil deve ganhar ainda neste ano um documento que entrará para a história da educação musical: as *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da Música na Educação Básica*. O texto regulamentará a [Lei 11.769/08](#), que há cinco anos tornou obrigatório o ensino da música no Ensino Básico e deu prazo de três para a sua implantação. Sozinho, o texto não será capaz de reverter o cenário atual – faltam professores e espaços adequados, entre outros entraves, mas é um avanço.

Para formatar o currículo do ensino de música na escola, uma comissão do Conselho Nacional de Educação (CNE) percorreu entre o final de 2012 e o primeiro semestre deste ano as cinco regiões do país em audiências públicas e debates com universidades, gestores, professores, educadores musicais e entidades ligadas ao tema, como a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM).

Nesse processo houve consenso: é preciso priorizar um currículo que contemple educação musical fundamentada na diversidade cultural brasileira.

Outra questão unânime é a necessidade de se criarem currículos específicos para as artes visuais, música, dança e teatro. Também foram assuntos recorrentes a formação inicial e continuada e a abertura de concursos públicos específicos para professores com licenciatura ou bacharelado em Música.

ENTRAVES. A presidente da comissão do CNE, Malvina Tuttman, destacou o formato inovador das audiências, que permitiu ouvir dezenas de profissionais ligados à educação musical. No entanto, alertou que apenas a proposta não garante que a música chegará à sala de aula. “Não será um documento salvador, mas o possível”, disse.

A presidente da ABEM, Magali Kleber, reconhece que

o cumprimento da lei depende da evolução da educação como um todo. “É importante que esta lei esteja vinculada com as diversas dimensões relacionadas com a melhora da educação básica”, afirma. O secretário-adjunto de educação do Estado de São Paulo, João Cardoso Palma Filho, espera que o documento resolva uma contradição: a Lei 11.769/08 não obriga a formação específica em música em nível superior, mas a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) impede a contratação de professores sem licenciatura ou bacharelado. “São Paulo não contratou nenhum professor atendendo à lei. Os formados em cursos de licenciatura vão para as escolas particulares”, diz. A professora Iveta Borges, da Unesp, autora da pesquisa “[Música na escola: desafios e perspectivas na educação contínua de educadores da rede pública](#)”, lamenta a falta de apoio. “Infelizmente a lei ainda não aconteceu. As escolas e os professores querem, mas é preciso vontade política das secretarias de educação”.

POSSIBILIDADES. Os especialistas concordam que o maior obstáculo para a educação musical integral e de qualidade é a falta de professores. Além disso, a grande maioria não tem formação específica. Dados do Ministério da Educação mostram que, em 2012, o Brasil formou 29.195 docentes em Artes, sendo apenas 1,435 mil com licenciatura ou bacharelado em Música. Apesar deste cenário, há experiências exitosas no ensino da música no Brasil, como em Mogi das Cruzes (SP). Sob a coordenação da professora Iveta Borges, durante três gestões seguidas a Secretaria Municipal de Educação desenvolveu o projeto “[Tocando, Cantando... fazendo música com crianças](#)”, com formação de professores, sensibilização musical de alunos e publicação de diversas pesquisas. »

o
I
Z
N
o
I
Z
Z
I
Z

► Palma Filho afirma que o governo paulista estuda duas medidas para melhorar a atuação do professor de Música: formar o docente de artes em curso de Música com um ano de duração e formar músicos em pedagogia. "Estamos conversando com o sindicato dos músicos sobre esta possibilidade", revela. Magali defende uma formação específica para cada linguagem das artes. "Tivemos uma experiência traumática com a polivalência. Creio que a formação em Música deva dar ao professor condições para atuar com o conhecimento de seu objeto de estudo, e não cair na armadilha de formações aligeiradas para se cumprir a lei", alerta.

CONTEÚDOS. Outro tema debatido nas audiências públicas do CNE foi a definição do conteúdo em sala de aula, já que a música apresenta grande diversidade de sons, ritmos e estilos. A expectativa é que as novas diretrizes curriculares indiquem o caminho, e Iveta sugere três vertentes: música popular, popular tradicional e erudita.

Para Magali, os conteúdos para se compreender a linguagem musical devem estar contextualizados. "O importante é que tenhamos os conhecimentos construídos desdobrados das atividades de performance, apreciação, fruição musical, respeitando-se a diversidade cultural – essa é uma premissa – e ampliando a capacidade de leitura de mundo pela multiplicidade que a arte possibilita", afirma.

Após o CNE publicar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da Música na Educação Básica, caberá ao Ministério da Educação fazer a homologação do documento. A partir daí, as redes estaduais e municipais terão elementos concretos para assegurar aos estudantes brasileiros o direito ao aprendizado da Música. <<

Som na Caixa!

Música aumenta raciocínio, concentração e estimula a flexibilidade mental, garante Aurilene Guerra, mestre em Neuropsicologia e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

» De que forma a neurociência pode ajudar a melhorar a educação musical no Brasil?

A neurociência estuda o processo de desenvolvimento das áreas cerebrais, principalmente a cognição. Estudos relacionados à música trabalham muito a aprendizagem, e esta área deveria ser mais explorada por cientistas.

De que maneira a música ativa a região do cérebro ligada ao raciocínio e à concentração?

A música estimula a flexibilidade mental e a coesão social. Fortalece vínculos e o compartilhamento de emoções que nos fazem perceber que o outro faz parte do nosso sistema de referência. Vários estudos revelam efeitos clínicos da música na precisão dos movimentos da marcha, no controle postural, facilitando a expressão de estados afetivos e comportamentais em indivíduos com depressão e ansiedade. Estes resultados positivos têm sido observados em transtornos do desenvolvimento, como o déficit de atenção e a dislexia.

O lobo temporal esquerdo é responsável pela área de raciocínio e concentração. A utilização de música ou estímulos a ela relacionados como dança, ritmos ou jogos potencializa as técnicas de reabilitação física e cognitiva. A inteligência musical é um traço compartilhado e mutável, que pode estar presente em grau até acentuado mesmo em crianças com deficiência intelectual.

De que forma a música atua na área do cérebro ligada ao movimento?

Vários circuitos neuronais são ativados pela música, uma vez que tal aprendizado requer habilidades multimodais que envolvem a percepção de estímulos simultâneos e a integração de diversas funções cognitivas, como a atenção e a memória, e das áreas de associação sensorial e corporal, envolvidas tanto na linguagem corporal quanto na simbólica.

Como o cérebro diferencia o escutar música e o fazer música?

A experiência musical modifica estruturalmente o cérebro. Pessoas sem treino processam melodias preferencialmente no hemisfério cerebral direito, enquanto nos músicos isso acontece do lado esquerdo. O treino musical também aumenta a conectividade (maior número de sinapses/contatos entre os neurônios) de várias áreas cerebrais, como o corpo caloso (que une um lado a outro do cérebro), o cerebelo e o córtex motor (envolvido com a execução de instrumentos).

Quais sugestões você daria para um professor de música?

Aconselho que continue estimulando os alunos a estudarem sobre tudo e pesquisem o tema. Só assim, aos poucos, ganharão mais respeito e prosperidade.

6

Ouvir música deixa a gente mais inteligente?

Em 1993, os pesquisadores Gordon Shaw e Frances Rauscher, da Universidade da Califórnia, divulgaram um estudo que estremeceu o mundo: ouvir Mozart deixaria as pessoas mais inteligentes. O chamado Efeito Mozart nunca foi comprovado por outras pesquisas, mas o fato é que, hoje, por meio de exames como a ressonância magnética, dá para "ver" como nosso cérebro reage ao ritmo, timbre, harmonia, melodia. Segundo o neurologista Mauro Muszkat, da Universidade Federal Paulista de Medicina, a experiência musical modifica estruturalmente o cérebro. "O treino musical também aumenta o tamanho e a conectividade de várias áreas cerebrais", diz ele no estudo 'Música, neurociência e desenvolvimento humano', dentro do projeto Música na Escola.



MUSICANTO

Um espaço livre para a Arte da Música

- » Em 2003, a professora Solange Maranhão Gomes, da Faculdade de Artes do Paraná (FAP), participava da reforma curricular do Curso de Educação Artística e da criação do curso de Licenciatura em Música quando percebeu "a enorme distância que havia entre a formação inicial, nos muros do ensino superior, e a vida cotidiana na escola regular". Dois anos depois, nasce na faculdade o Musicanto, um espaço livre para troca de experiências entre professores e alunos de artes de diferentes áreas, com destaque para conteúdos práticos e teóricos sobre a linguagem musical, que estimula a apreciação por meio de concertos, leituras, oficinas e simpósios. A FAP já integrava a Rede Arte na Escola desde 2004, mas com ênfase nas Artes Visuais. Em 2009, o Musicanto também passou a fazer parte do Polo e foi um dos primeiros grupos de estudo da rede dedicado exclusivamente à música.

PRAZER E ARTICULAÇÃO.

Solange Maranhão credita o sucesso do Musicanto ao seu formato livre. "Não é um curso: tem professores, alunos, ex-alunos, egressos, profissionais que buscam uma formação continuada diferenciada. É um trabalho de profundidade, de articulação e ao mesmo tempo prazeroso", explica.

A professora Eliete Aparecida França, que há 17 anos leciona no Centro Municipal de Educação Infantil Nice Braga, em Curitiba (PR), é uma das frequentadoras mais assíduas – há quatro anos participa das reuniões quinzenais. Formada em Pedagogia, conta que sentia necessidade de se aprimorar e, para isso, ingressou no grupo de estudos de Artes Visuais, coordenado pelo professor Luciano Buchmann. Depois, partiu para a Música. "Eu precisava me aprofundar mais e o Musicanto possibilitou um grande aprendizado", diz.

Eliete afirma que muitas vezes é difícil conciliar a faculdade e a sala de aula, e o grupo de estudos é uma maneira de se manter atualizada. "Ele dá suporte metodológico, nos fundamentos teóricos, nas práticas e garante uma experiência compartilhada com os colegas. O grupo sempre traz novidades fora do dia a dia da escola", diz. Segundo ela, sua dinâmica na sala de aula avançou muito. "Hoje fazemos cantigas de roda e construímos nossos próprios instrumentos."

NOVAS POSSIBILIDADES.

Solange destaca que a consolidação do Musicanto permitiu a realização de diversos simpósios em parceria com outras escolas de música do Paraná, como a Universidade Federal, a PUC e a Belas Artes, e instituições como o Arte na Escola e o Sesc Água Verde. Em 2010, por exemplo, recebeu o renomado pianista inglês Keith Swanwick.

A professora acredita que a educação musical brasileira está avançando, com formação de pesquisadores e a publicação de dezenas de trabalhos científicos. "Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul já temos quase 30 mestres e doutores", diz. Solange, que participa ativamente do debate sobre a implantação da lei que tornou obrigatório o ensino da música na escola (leia nas págs. 4 e 5), faz uma sugestão ao Arte na Escola. "Como o Instituto já está bem estruturado nas Artes Visuais, seria muito interessante ampliar a produção de materiais didáticos para o ensino de Música", diz. Sugestão anotada.

«

8

OS ENDEREÇOS E DADOS PARA CONTATO COM OS POLOS DA REDE ARTE NA ESCOLA ESTÃO NO SITE www.artenaescola.org.br



Patrocínio
FUNDAÇÃO
IOCHPE